Resenha
LEVIN-RICHARDSON, S. *The brothel of Pompeii. Sex, Class and Gender at the Margins of Roman Society*. Cambridge; Nova Iorque: Cambridge University Press, 2019. 266p.

Jorge Steimback Barbosa Junior *
Universidade Federal do Rio de Janeiro

● **Enviado em: 29/10/2019**
● **Aprovado em: 22/12/2019**

Sarah Levin-Richardson é atualmente professora assistente de História na Universidade de Stanford, em San Diego. Foi agraciada com o Prêmio para a Academia Norte-Americana em Roma, nos anos 2014-2015. Sua tese de doutoramento em Arqueologia Clássica, de 2009, versa sobre as interseções da visualidade, da cultura material e das identidades, especialmente na construção de discursiva de gêneros, no período imperial, notadamente em Pompeia[1].

Tais interesses de pesquisa voltam novamente a ocupá-la em sua mais recente publicação, que se lança, sobre tudo, a uma análise da cultura material, com destaque para os *graffiti*, da única edificação que, até a presente data, é identificada como um prostíbulo em si[2]. A denominação mostra sua importância, não sem uma pontada de polêmica, ao considerar que, apesar das demais atividades exercidas no mesmo espaço –a habitação e a venda de bebidas e alimentos, para citar duas –haveria uma diferenciação racionalmente manifesta na organização e compartimentalização dos cômodos, por contraste ao caráter fortuito e fluido que os demais testemunhos antigos, especialmente literários, atribuem à prostituição: em tabernas, nas ruas ou outros locais, mas sempre marcada por uma espécie de traço de improviso.

Nesse sentido, a própria organização racional do espaço, mencionada acima, estabelece uma relação de dialogia, por vezes tensa, com suas práticas de ocupação e uso. Diferentes

* Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
1 Ver https://classics.stanford.edu/people/sarah-levin-richardson
2 *Purpose built brothel*, no original.

vozes e "lógicas" de agentes se entrecruzam mesmo materialmente (os *graffiti*) em um espaço que, se por um lado se caracteriza pela tentativa de apagamento das diferenciações sociais – em especial aquela fundamental: entre escravos e livres –cria novas diferenciações a partir da *performance* de gênero.

A experiência do usuário é planejada, desde o ponto de vista do(s) idealizadore(s) do prostíbulo, como totalizante: não apenas o prazer e a experiência sexual em si contam, mas aos frequentadores é oferecida uma gama de outros prazeres, mediados pelo jogo de expor e esconder. Assim, por exemplo, as cenas representadas nos afrescos representam, em unanimidade, práticas sexuais tidas como lícitas, ou seja, reforçadoras dos papéis de gênero apregoados pela cultura patriarcal romana: os homens em posição ativa, dominante, penetrativa e as mulheres em posição passiva, submissa, receptiva. Tais representações seriam, em certo sentido, um caso à parte na arte pompeiana, que, em geral, não se furta a representar atos "desviantes" como a felação, o cunnilingus ou o homoerotismo, mesmo em áreas de circulação pública, como os banhos[3]. Do ponto de vista do idealizador, tal estratégia corresponderia a um "empoderamento" do masculino, construindo uma identidade discursiva, visando especialmente ao usuário pobre ou escravo, na qual este compartilharia da prática de poder do senhor –subversão especialmente interessante último caso, uma vez que o escravo estava igualmente sob a tutela sexual de seu mestre, podendo ser submetido também sob esse ponto de vista.

A iluminação esparsa, os corredores estreitos e os ângulos que permitem entrever alguns dos cômodos estariam, então, destinados a captar a curiosidade do visitante-espectador, excitar sua imaginação e levá-lo, seja a entrar no edifício, seja a desejar ou se relacionar com algum dos corpos –femininos ou masculinos – aí disponíveis. Novamente opera o dístico exibir-esconder: do ponto de vista do idealizador ou do cliente, os afrescos estimulam o desejo –embora por práticas lícitas – que é complementado pela visão parcial dos trabalhadores do local, o que, adicionalmente, sugere algum grau de segredo para práticas potencialmente ilícitas.

Similarmente, as *klinai* encontradas funcionam como indícios de que a experiência totalizante de prazeres e subversões de hierarquias tradicionais passava, inclusive, pelo oferecimento da experiência aristocrática por excelência: a refeição social, possivelmente acompanhada pelo diálogo. Nesse sentido, novamente se opera uma inversão poderosa: ao livre pobre e, especialmente, ao escravo, se oferece uma momentânea inversão de posição:

[3] Ver VARONE, A. Eroticism in Pompeii. Los Angeles: Getty Trust Publication (J. Paul Getty Museum), 2001.

àqueles que geralmente servem nos banquetes dos poderosos, a experiência de serem servidos em microescala. Deve-se lembrar, no entanto, que mesmo tal inversão se apoiava sobre a provável escravidão de pelo menos alguns dos trabalhadores do lupanar, homens e mulheres, segundo o argumento da autora, o que não contesta, mas reforça o arcabouço discursivo-ideológico de submissão do escravo, em última instância, apesar do papel "consumidor" de alguns deles.

Se a exposição até aqui tendeu a centrar-se em torno dos clientes, é necessário ter em mente que os trabalhadores e trabalhadoras, provavelmente escravizados, desenvolveram também suas estratégias para lidar com a fragilidade de sua posição.

Por um lado, achados materiais como um estrígil, uma bacia de bronze e vasos para óleos/ perfumes[4], sugerem uma preocupação com a aparência e cuidados pessoais, que comportam a dupla dimensão de um "bem imaterial" que está sendo comercializado e de um autocuidado que se contrapõe à dureza de suas condições de trabalho[5]. Uma hipótese complementar aventada pela autora refere-se a que o perfume tenha sido o presente de algum cliente, uma vez que é um *topos* literário presentear perfumes a cortesãs.

A hipótese supracitada conduz a uma possível estratégia das trabalhadoras: a construção de uma ficção de relações afetivas ou a "*commoditização* do trabalho afetivo"[6] – tema no qual dialoga com a produção contemporânea da Antropologia. Tal ficcionalização passaria pelo registro do elogio à potência e às proezas sexuais dos clientes preferidos –à criação de um personagem, notadamente por meio da epigrafia em *graffiti*, com seus dados de publicidade e durabilidade. Essa estratégia poderia render frutos econômicos diretos e duradouros e/ou proteção clientelar, tema, aliás, muito frequente nos *Diálogos das Cortesãs*, de Luciano de Samósata. Um ponto que se deve ressaltar, entretanto, é que, apesar de o argumento de Levin-Richardson dar conta, em linhas gerais, de um dos possíveis regimes de afetividade em vigor, é difícil separar a esfera da afetividade racional de outros tipos de

4 A questão do inventário dos bens escavados é problemática e ainda sujeita a certa dúvida. Giuseppe Fiorelli, diretor das escavações originais, entre 1861 e 1872, visitou o sítio apenas um mês depois da descoberta propriamente dita e, ademais, foi seletivo nas informações que publicou como boletim de escavação, tendo até mesmo escrito descrições errôneas sobre a proveniência de certos elementos. As fontes mais confiáveis nesse sentido devem-se à modificação da legislação arqueológica em finais do século XIX, que estabeleceu um regulamento que exigia a presença de um supervisor e um arquiteto nos sítios de escavação, cada um a manter um diário separado (*Giornale dei soprastanti*; *Rapporto dell'architetto*), arquivados nos Museus de Nápoles e Turim, respectivamente.

5 Tem-se enfatizado a associação entre prostituição e escravidão que, sem dúvida, parece ter sido mais comum. Há, no entanto, indícios, como uso de gentilícios e *nomina* acompanhando *praenomina* que de algumas mulheres livres teriam optado pelo trabalho no Lupanar. Do ponto de vista econômico, teriam a vantagem provável de reter um maior percentual do pagamento por seu trabalho. Ainda assim, é curioso que a associação dos nomes pareça demonstrar um certo orgulho e erodir a base do elogio de Catão, o Antigo, à prostituição, qual seja: a de preservar a honra das mulheres livres.

6 *Commodification of affections*, no original.

amicitia, apenas marginalmente considerados[7]. Tal é o exemplo proveninente da parede norte do quarto "e": "*Africanus moritur/ scribet puer Rusticus / condisces cui dolet pro Africano*"[8]. A inscrição é interessantíssima, já que o termo *puer* indica um jovem púbere, sexualmente desejável nos padrões culturais do homoerotismo romano, com certa vitalidade indicada pelo termo *Rusticus*, que por sua vez contrasta com a clareza e a correção do latim usado na escrita, empregando corretamente diversos tempos verbais[9].

Formas alternativas de escrita epigráfica tendem a plasmar outros elementos identitários, sendo difícil afirmar se se referem a clientes ou prostitutos, mas, em grande número contendo verbos como *irrumare* e *pedicare* em suas diversas conjugações[10]. Caso sejam de clientes, reforçam o status ideológico de dominação do cliente penetrador; caso de prostituto, subvertem totalmente tal esquema ideológico. Dos nomes e apelidos inscritos, alguns clamam a proeza militar, como Bellicus e Castrensis. O último, provavelmente um trabalhador sexual, é saudado com a transcrição em caracteres latinos do termo grego *kalos* (belo): "*calos Castrensis s(alutem)*". O epíteto grego em uma porção do império predominantemente falante de latim, para além de poder ser um indicativo de deslocamentos e migrações populacionais, pode indicar a erudição como uma estratégia de diferenciação que torna um amante mais desejável. Termos helenizantes também são encontrados em um epíteto satírico: "*Scordopordonicus hic bene/ fuit quem voluit*"[11]. De fato, para os *graffiti*, o que parece importar é a reafirmação do sujeito enquanto tal, por meio da *performance* sexual, o que gramaticalmente se verifica pela presença de sentenças na voz ativa e com sujeito expresso, mas sem objeto, do tipo "*X futuit*" com ou sem adjuntos adverbiais de lugar e/ou tempo. Estas são as mais numerosas. A ausência de objeto também amplia o escopo de quem pode abarcar, com isso superlativizando a potência do autor.

7 E, com isso, de forma alguma quero contestar a exploração e as relações violentas a que estavam submetidos os escravos e livres pobres do Império.

8 "Africanus está morrendo,/ escreve o menino Rústico./ Sabereis quem lamenta por Africanus".

9 Implicação que não passa despercebida a Levin-Richardson, que comenta de passagem: "more importantly, the language of mourning in the grafito evokes not just a sexual, but also an affective relationship between the *puer* and Africanus. With its present and future tenses, affective language and auto(bio)graphical claims, the graffito reads as the authentic emotional outpouring of a male prostitute devastated by the loss of his lover/client" LEVIN-RICHARDSON. *Op. Cit*. p. 134.

10 O primeiro refere-se ao sexo oral violento, o segundo ao sexo anal violento.

11 "Scordopordonicus f...de aqui com quem quer", sendo Scordopordonicus um termo grego que designa alguém cujo flato tem odor de alho. Provavelmente escrito pelo próprio, o *graffito* delineia uma *performance*, na qual, apesar da aparente indesejabilidade do sujeito em questão, naquele local ele reafirma sua potência masculina por meio da sexualidade. Ali, de fato, ele se torna sujeito gramatical e socialmente.

Irrumo, é um caso especial, de autoria impossível de detectar, mas cujo significado, se atribuído a um prostituto, leva a pensar na capacidade priápica[12] de punição de um cliente mal-pagador. Tal é também o espírito de ameaça do *graffito* que afirma: "*Batacare te pidicaro*".

No que se refere à agência social das prostitutas, o conhecimento íntimo do espaço de que eram detentoras permitia-lhes subverter o sentido dos olhares: de alvo das miradas a observadoras dos clientes por meio da exploração dos becos e retas da estrutura. As relações interpessoais de amizade e as redes de ajuda mútua, a circulação de rumor e informações, as pequenas práticas de resistência cotidiana como o demorar-se ao recolher água de uma fonte propiciaram formas indiretas de negociação de papéis em que as prostitutas recobrassem algum grau de subjetividade diante da exploração a que eram submetidas.

Por vezes, a subjetivação passava pela derrisão dos clientes ou pela simples inversão da norma, como novamente atestado pela análise da epigrafia em *graffiti*, uma das fontes de cultura material mais destacadas ao longo da obra. Tal é o caso de um *graffito* no corredor, a leste da porta "e": "*Froto Plani lingit cunnum*"[13]. A forma mais comum de resistência parece ter sido, como dito acima, a *commoditização* dos afetos e a via mais certa, a reafirmação da capacidade masculina de determinados clientes, como exemplificado pelo *graffito* em caracteres gregos: "*Syneros kalos bineîs*", "Syneros transa bem", tipo de *graffito* numericamente mais significativo. Certo é que a autoria de tais declarações performativas é problemática, uma vez que poderiam ter sido igualmente escritas por clientes emulando a voz de prostitutas, o que equivaleria a forjar um reconhecimento em contexto agonístico, uma vez que tais profissionais teriam uma diversidade de parceiros que lhes permitiria "avaliar" com conhecimento de causa. Se autênticas de prostitutas e não-diretamente relacionadas a uma estratégia racional de emergência social, seriam ainda mais interessantes na medida em que parecem insinuar que o prazer não seria, ao menos por vezes, totalmente estranho a seu contexto.

O trabalho de Levin-Richardson é original na criatividade com que interpreta a multiplicidade de possibilidades comportadas pelas fontes, ao mesmo tempo em que busca atentar para a construção de um *self* pelos trabalhadores sexuais assujeitados pelas hierarquias sociais do Império. Nesse sentido, merece destaque seu capítulo sobre a prostituição masculina, assunto ainda superficialmente investigado pela historiografia e, geralmente, com os viés originados da retórica literária e jurídica. O trabalho chega a

12 Há um Príapo apotropaico na instalação do edifício.

13 Que pode ser alternativamente traduzido como "Froto, escravo de Plano, chupa (uma mulher)"; "Froto claramente chupa"; "Froto chupa a ... de Plana".

conclusões historiográficas interessantes, na medida em que mostra uma integração espacial à organização urbana: o bordel e seu piso superior, com casas provavelmente alugadas, é um desafio à tese da segregação dos espaços de prostituição. A forma em que identidades e experiências afetivo-sensoriais complexas são produzidas gera uma erosão momentânea das diferenças de classe. Busca-se apreender a agência de sujeitos normalmente estereotipados pelas fontes de elite, notadamente as mulheres.

Do ponto de vista teórico, o conceito de *commoditização* do trabalho emocional parece merecer despertar um debate mais vigoroso, uma vez que, em sua própria conclusão, e citando Brents e Hausbeck, vê neste o ponto em que o estudo do presente põe novas questões ao da Antiguidade, já que

> As mudanças econômicas e sociais geradas pelo capitalismo global tardio criaram uma economia baseada no serviço e centrada no consumidor que progressivamente vende interações humanas e trocas emocionais. A venda de serviços pessoais, lazer, espetáculos e turismo mais e mais põe à venda no mercado componentes das relações humanas.[14]

[14] BRENTS *et* HAUSBECK, *apud* LEVIN-RICHARDSON, *Op. Cit.*, p. 145.